

TEM MAS NÃO HÁ: SORRIR EM TIMOR

Aline Bazenga

University of Madeira, Portugal

Luísa Marinho Antunes

University of Madeira, Portugal

Abstract

The utterance “tem mas não há” (→ it exists, but one doesn’t have it), produced by a Timorese speaker, is the starting point for a reflection about humour strategies. The hypothesis hereby put forth draws on the concept related to “language play” by Wittgenstein. Just as with some other “language play”, humour can be also perceived as a human activity observant of rules, the learning/acquisition of which is possible via observation of situations that trigger a smile and laughter. Thus, the knowledge of the rules of the game depends on the awareness of multiple meanings attributed to words and, with these, to things, to reality and to the world. The knowledge of what makes one laugh is part of one’s cognitive competence necessary to participate in humour games. And that something which makes one smile seems to be all that one conceives as “being out of place”, that is disrupting the sets of beliefs – in a world governed by the sense of a shared thought.

By extending our reflection to other examples, we will defend the hypothesis that fruition in humour depends on the players’ cognitive activity, their competence in the task of “re-making” the senses of the vision of the world projected as a shared object.

Key words: Pragmatics; Language game; Humour; Cultural representation; Cognition.

Introdução

Pretende-se reflectir sobre o fenómeno do humor numa perspectiva pragmática, como uma forma particular de actividade humana que, para ser executada com sucesso, implica o conhecimento das regras do «jogo», o «jogo do humor», dentro do vasto conjunto de «jogos de linguagem» (Wittgenstein 1995). A encenação dos *jogos do humor* (secção I) será observada e desenhada a partir de dois exemplos: o enunciado que dá o título a esta comunicação *Tem mas não há* (secção II) e o cartoon *O metro de Díli* (secção III).

I. Por uma pragmática do humor

No filme *A Guerra do Fogo*¹, a cena simbólica do riso - o riso a que se segue, depois de um momento de espanto, o riso do outro - celebra o acontecimento: a emoção da descoberta do outro, a sua entrada na consciência de si. Este riso partilhado desencadeia a aproximação das personagens que pertencem a tribos diferentes, com culturas distintas e diferentes representações para pensar o mundo. O cenário do riso é desencadeado por aquilo que é percebido como fora do comum, ou a saltar para fora de uma certa disposição das coisas do mundo. Neste cenário, o rir a dois apresenta-se também como uma estratégia de aproximação entre sujeitos, uma predisposição para o nó do *nós*, ou dito de outro modo, uma oportunidade de intersubjectividade, possível através da linguagem, e no discurso. E à volta do fogo, e quando já se ri, da desordem das coisas do mundo, é já possível pensar a paz. À volta do riso, convergem fragmentos discursivos, trocas conversacionais na vida quotidiana.

I.1 ‘Jogos de Linguagem’ e ‘formas de vida’

A noção de «jogos de linguagem» surge associada em Wittgenstein como uma prática discursiva, o uso que se faz da linguagem. Os jogos de linguagem são inúmeros: dar uma ordem, obedecer a uma ordem, descrever um objecto, inventar uma história, formular uma hipótese, adivinhar enigmas, resolver um problema matemático, formular e responder a uma pergunta e contar uma anedota, etc.). Como qualquer outro jogo, os ‘jogos de linguagem’ pressupõem a existência de jogadores e de regras que fundamentam o próprio jogo. As regras de cada um dos inúmeros jogos de linguagem são inferidas pelo jogador durante a observação, no decurso do jogo, pela maneira como ele é jogado. Isto é, aprende-se o jogo vendo como os outros jogam. Desde criança e ao longo da vida. A aprendizagem das regras de uso das palavras e dos seus vários sentidos não é processada pela criança através de explicações indicativas, mas sim pela observação do uso das palavras em determinadas situações e a inferência do seu significado. Não se trata, pois, de regras normativas que possam ser impostas.

A aprendizagem dos jogos da linguagem não se faz pela observação do geral, mas sim requer uma atenção dada ao pormenor e ao contextual. Jogar é obedecer às regras do jogo. Esta obediência tem um carácter iminente social e cultural. Relacionada com usos, costumes e instituições, não é, por isso, um acto individual. A multiplicidade e a heterogeneidade dos jogos de linguagem não podem ser reduzidas a um qualquer conceito comum, nem ser assumidas de uma vez por todas, de forma rígida e absoluta: as palavras oscilam entre várias possibilidades até se fixarem em cada altura ou situação, no sentido que mais lhes convém; podem, no entanto, saltar para outro sentido, e nele se fixarem, sem que isso implique o uso incorrecto da linguagem, ou uma desobediência à regra.

¹ Filme de Jean-Jacques Annaud e Gérard Brach (1981).

Wittgenstein refere ainda o conceito de uma «linguagem privada», aquela que é só nossa, individual, mas ‘indizível’; sabemos, porque sentimos e nos comovemos, e sem sermos capazes de dizer, precisamente por não ser aprendida como um jogo de linguagem. Para comunicarmos ao outro as nossas ‘experiências privadas’ devemos fazê-lo de acordo com as regras dos jogos de linguagem (e estes têm a natureza de serem públicos, de ser aprendidos na observação do outro). Assim, se por um lado a linguagem cria um espaço público no qual coloca conteúdos perante os nossos olhos, por outro lado, o espaço da linguagem ‘ordinária’, a das interações do quotidiano, a linguagem constitui também um processo de individuação, que se opera no confronto com o outro: desenvolvemos uma linguagem privada, incomunicável, ou em parte integrada.

I.2 Humor como ‘Jogo de Linguagem’

Tal como outros jogos de linguagem, também os jogos do humor podem ser encarados como actividade humana submetida a regras, aprendidas ao longo do tempo, pela observação das situações que provocam o sorriso e o riso. Assim, o conhecimento das regras deste jogo está condicionado ao conhecimento dos sentidos que atribuímos às palavras, e com elas às coisas, à realidade e ao mundo. Os jogadores podem entrar no jogo por partilharem um conjunto de valores e de crenças e de palavras que lhes dão sentido. Faz parte da competência cognitiva requerida para participar nos jogos do humor, o conhecimento de *aquilo* que faz sorrir. E este *aquilo* que faz sorrir parece ser o que concebemos como estando fora do seu lugar - no mundo ordenado pelo sentido de um pensamento partilhado. Aquilo que vem destabilizar a ordem das nossas crenças, sem, no entanto, as ameaçar.

II. *Tem mas não há*: passagem para entre-sorrisos panorâmicos

Este enunciado integra-se numa troca conversacional de tipo comercial, que pode ser representada, como em (1):

- (1) A (Cliente) - *Tem X?*
B (Vendedor) - *Tem (X) mas não há.*

Nesta troca conversacional, os interlocutores não possuem a mesma competência linguística; para A, o português é a língua materna, enquanto que para B, o falante timorense, o português não é a língua materna². Por outro lado, o enunciado em B não é intencionalmente humorístico. O efeito de humor é realizado por A que, para além de inferir o sentido da resposta, a resposta negativa ao seu pedido, observa ainda o carácter gramaticalmente desviante do enunciado, quando comparado com

² Do ponto de vista da aquisição linguística, o português é para A, uma L1, enquanto que para o falante timorense seria uma L2 ou L3.

a norma-padrão do português. Cabe a A não só atribuir graus de aceitabilidade linguística ao enunciado de B:

(2) ?*Tem (X) mas não há.*

como também ‘ensaiar’ possíveis alternativas ao inusitado enunciado, como em (3):

(3) Normalmente temos X, mas agora não temos X.

Enquanto falante competente do português, ao associar, comparar, distinguir e observar a ‘anormalidade’, o ‘desvio’ de *tem mas não há*, A atribui-lhe um novo sentido: o sentido que faz sorrir. O relato do diálogo e o seu sentido novo pode então circular como objecto de partilha, entre-sorrisos, panorâmicos, e imediatos, transportando consigo o efeito de *sorrir com* e *sorrir de*, entre aqueles que têm em comum o conhecimento das regras de uso dos verbos *ter* e *haver* em português europeu padrão (PE).

II.1 Sorriso de intensidade: os caminhos de *haver* e *ter* na língua portuguesa

Um olhar mais familiarizado com a linguística da variação, ou mais especialista, conduz a outras observações sobre o uso ‘inusitado’ de *ter* e *haver* no enunciado produzido pelo falante timorense. É consensual para qualquer falante do português europeu (por contraste com o português falado no Brasil) como língua materna o uso de *haver* com significado de existir e o uso de *ter* com significado de possuir, tal como em (4):

(4) a. *Há* muitas praias bonitas em Timor / ?*Tem* muitas praias bonitas em Timor.
b. *Tenho* um carro novo. / **Hei* um carro novo.

Esta diferença de significado é acompanhada de diferenças estruturais. O verbo *haver*, contrariamente ao verbo *ter*, e quando não auxiliar, é um verbo impessoal.

Como assinala Mattos e Silva em vários estudos (1997, 2002), a história de *haver* é feita de vários embates. Primeiro, no século XIII, *haver* teve de ganhar a luta com o verbo *ser*, o verbo existencial canónico. Vejam-se os exemplos em contextos existenciais com *ser*, em (5) e *haver*, em (6), retirados de Mattos e Silva (1997:262)

(5) a. no *foi* quem pudesse
b. seen empeço d’ome que *seja*
(6) a. En hua abadía huu tesoureiro *avia*
b. ...que non *avia* y mouros nem judeus

Um outro embate ocorreu com o verbo *ter* em construções de possessivas, tendo *haver* perdido gradualmente o seu lugar de verbo canónico, tornando-se *ter*, a partir de meados do século XVI, o verbo categórico neste tipo de construções, como

ilustram os exemplos em (7), igualmente retirados do estudo de Mattos e Silva de 1997 (página 270):

- (7) a. quanta herdade eu *ey*
b. ele non pode *aver* remedio

Se *haver* e *ter* parecem estar conformados com os seus respectivos lugares nos usos do português europeu (PE), tal não acontece porém no português do Brasil (PB) onde *ter* ocupa cada vez mais o espaço de *haver*, em construções existenciais, como mostram os contrastes em (8) e (9):

- (8) a. *tem* fogo naquela casa [PB]
b. *há* fogo naquela casa [PE]
(9) a. no baile *tinha* muitos homens bonitos [PB]
b. no baile *havia* muitos homens bonitos [PE]
(exemplos de M^a Helena Mira Mateus, 2006)

Neste quadro variacionista, apresentado como palco de exercício de influências entre *haver* e *ter*, o exemplo que chega de Timor, *tem mas não há*, abre o apetite, delicia e desafia: como analisar este ‘lado a lado’ inovador de *ter* e *haver*? Em (10) apresentam-se duas hipóteses:

- (10) a. tem [=possuir] mas não há [=existir]
b. tem [=existir] mas não há [=possuir]

Na hipótese (10a.), *ter* e *haver* são preenchidos com os valores semânticos fixados para ambos os verbos no PE; em (10b.), o contraste entre *ter* e *haver* é obtido com a atribuição do valor de “existência” ao verbo *ter*, tal como está em uso na variedade PB. Em ambas as hipóteses, o efeito de sentido é incongruente, o desarranjo formal e semântico mantém-se.

De modo a que A possa inferir que a resposta negativa é ocasional e que nem sempre acontece não ter X, o ensaio de outras combinatórias, como em (11), trariam sentidos inadequados à situação de comunicação e à intenção do falante timorense:

- (11) a. há mas não tem
b. tem mas não tem

Em (11a.) teríamos uma leitura que pode ser parafraseada como ‘existe no mundo’ mas ‘aqui não possuímos’, sendo, em (11b.) o sentido de posse anulado.

Coloca-se assim uma outra hipótese: a de uma forma híbrida, um re-arranjo para a construção de novos sentidos, os sentidos que mais convêm às situações da vida quotidiana no espaço de Timor. Referindo-nos de novo a Mattos e Silva, eis uma questão a seguir de perto, mas ainda ‘à procura de autor’, uma vez que ainda não foi objecto de reflexão aprofundada.

No processo de re-fazer as coisas desarrumadas que nos fazem sorrir, quanto mais fragmentos de conhecimento vamos buscar, mais se intensifica o sorriso, aquele que reflecte o prazer mais profundo, aquele que nos faz mais agentes – ou construtores do destino dos sentidos.

III. O ‘Metro de Díli’: as ‘cores do humor’

A escolha de um cartoon no conjunto de cartoons publicados no blogue timorcartoon.blogspot.com recaiu sobre ‘O Metro de Díli’ (cf. Figura 1) e prende-se com a ligação que pode ser estabelecida com o enunciado ‘Tem mas não há’ e a multiplicidade de sentidos que a partir dele podemos criar sobre ‘a existência’ em Díli, e sobre o que lá podemos encontrar.



Fig. 1 “O Metro de Díli”

No ‘Metro de Díli’, o efeito-humor é intencional e consciente. Não se trata, como na situação anteriormente apresentada, de um efeito obtido involuntariamente, à deriva do locutor. Trata-se, de facto, da construção de um objecto, um objecto de partilha, que através de uma teia de linhas “subterrâneas” oferece uma visão/representação reconhecível do espaço sócio-cultural de Timor. E, desta forma, une os olhares num sorriso.

O sorriso imediato, o sorriso panorâmico do primeiro olhar, correspondente ao da superfície, que sobrevoa o ‘Metro de Díli’, resulta daquilo que o receptor conhece do estado de desenvolvimento de Timor e da óbvia inferência de que não deverá haver Metro em Díli. O efeito deste sorriso obtém-se pelo carácter ‘anormal’, ‘incomum’, ‘estranho’, do lugar do Metro. E a percepção panorâmica do carácter ‘mêlé’ da composição (de mistura de particulares, de elementos fora do seu lugar habitual).

O sorriso de maior intensidade desenha-se quando nos aproximamos da representação, dispostos entrar no ‘jogo’, e reunimos as condições para seguir a regra deste jogo particular. E a regra consiste em identificar os elementos que compõem a representação, exercer, assim, o lugar de observador do ‘retrato de família’. Mais do que identificar, trata-se aqui de re-fazer a visão do mundo encenada, de reconhecer e estabelecer os contornos do que existe efectivamente na capital de Timor, do que ‘tem’ Díli e do que ‘não há’ em Díli, e do que seria o ideal de ‘existir’ em Timor. Torna-se, então, necessário conhecer o contexto e aceder a elementos a que se refere o cartoon para se ter acesso à fruição que nos é dada a partilhar.

IV. Representação da ‘situaaun’ em Timor

A projecção do presente/futuro ‘metro de Díli’ contempla quatro linhas: a linha azul (a linha ‘malai’ – a palavra com que os timorenses designam os estrangeiros); a linha vermelha (a linha de Timor), a linha amarela (a linha da Sorte) e a linha verde (a linha da Esperança). Não se trata apenas da representação de um espaço físico, mas da representação de uma percepção, de um sobrevoar na superfície e o subterrâneo dos anseios, desejos, medos e críticas ligados à ‘situaaun’.

O Metro de Díli constitui, assim, o palco da ‘situaaun’ em Timor: projecta conteúdos e com eles compõe uma visão de Timor. Re-fazer esta visão é também juntar os índices dispostos na composição. Deve-se, por isso, entrar no jogo, descobrir-lhe as regras e entrar, então, no exercício de identificar alguns de entre eles, de observar de perto a configuração das linhas do Metro e as denominações dos pontos de paragem.

A legenda com que o autor do blogue acompanha a figura, em forma próxima do comentário, é explícita em relação ao espelho da realidade que o mapa da rede do Metro pretende ser:

Dia da Independência, dia da Esperança, dia do Futuro... Díli poderia ser o sonho de um arquitecto, pois é quase uma folha em branco... Díli poderia ser um exemplo de desenvolvimento urbano, houvesse paz e ordem... Díli poderia ter um mapa assim... Então porque parece este desenho tão surrealista?

O primeiro sorriso conduz, assim, à reflexão a que o uso do tempo verbal no condicional obriga. Da Independência, que é, no tempo presente, já o passado, ao Futuro sonhado na altura, que deveria ser o “hoje”, resta o sonho de uma arquitectura feita de paz e ordem. Nas reticências, coloca o autor o impasse feito de desânimo e desejo. Elas são o espaço da realidade construído em pontos, que parecem não acabar, inscritos no infinito. Nelas se inscreve a questão, única frase no tempo verbal do presente: aquela que se liga à surpresa do desenho, que o surrealismo, como movimento que incorporava livremente e de forma surpreendente na realidade os elementos oníricos, preconizava.

V. Configurações das linhas e denominações dos pontos de paragem

Fernando Cristóvão alerta para a relevância das cores na leitura de um texto, texto esse que se insere numa “tradição retórica que sempre leu simbolicamente as cores como as flores, os metais ou as matérias preciosas, mas também o simbolismo profundo e existencial para que sucessivas gerações canalizaram padrões e ideais de vida” (Cristóvão 1981:72), justificada “porque assente nos dados da física e da simbólica [...] pois a sua codificação e descodificação na narrativa estão dependentes de múltiplos factores onde a percepção e reacção humanas são diferentes para o mesmo estímulo” (Cristóvão 1994:116-118). Tendo em conta a importância que reveste a distribuição cromática e o seu valor “funcional e simbólico” para o pintor, sempre preocupado em encontrar a cor e a tonalidade justa, importa, por isso, analisar como as paragens do Metro de Díli se relacionam com a cor das linhas.

Na “folha em branco”, sendo o branco limite ou ingrediente no doseamento e variedade de cores, distribuindo-se estas num espectro negro e branco, desenvolvem-se as cores, paralelas e perpendiculares. “Nada”, “pleno de alegria juvenil”, o branco é “anterior ao nascimento, a qualquer começo”.

i. a linha Malai é uma linha que bifurca nos seus extremos, sem verdadeiro ponto de partida nem de chegada. Esta linha, que liga o Aeroporto, a City (o “City Café”), a Areia Branca (a praia) e o Cristo Rei (praia e monumento), encontra-se com a Linha Timor apenas no Mercado de Comoro. De cor azul, do mar, do céu, parece significar os caminhos que levam a Timor. Seguindo de perto a proposta de Wassily Kandinsky de divisão das cores em “claro” e “escuro” e em “calor” e “frio”, o azul é uma cor fria e concêntrica que afasta quem olha, como o verde (Kandinsky 2003:78-79). Não é, afinal, esta a linha dos estrangeiros que pode deixar de fora os nacionais? No entanto, a sua aproximação ao branco, como “resistência eterna e apesar disso possibilidade (nascimento)”, pode significar a capacidade de rejuvenescimento da sociedade. No fundo, contém, assim, duas possibilidades: por um lado, a da frieza de alguém que ocupa um espaço outro, e que raramente apresenta linhas perpendiculares que permitem o contacto, e, por outro, a de uma linha que, apesar de preponderantemente paralela, pode ser essencial para o desenvolvimento de Timor.

ii. a linha Timor, paralela à linha malai, apresenta um único ponto em comum com esta - o mercado de Comoro. A Linha de Timor, confinada pelos Mercados de Comoro e Bocora (bairros periféricos de Timor), passa pela Catedral, o Estádio, o Hospital – elementos fundamentais da vida quotidiana dos timorenses, ligados à sobrevivência, à religiosidade e ao prazer, nos quais assentam qualquer sociedade. O Vermelho – da dor, das paixões - é a cor desta linha.

Para René-Lucien Rousseau, esta cor é o signo do animal evoluído que já se encontra no vegetal, o sangue que é experiência decisiva da autonomia individual, da personalidade e da consciência. O vermelho é a cor que fala do sacrifício, mas também do amor e da vida. Cor quente, masculina, de uma vida “fogosa e agitada”, “espécie de maturidade viril”, como escreve Kandinsky

(2003:87), é expressão do “Eu”, consumação e perda, mas também possibilidade de regeneração e criação.

Esta cor co-envolve quem vê, porque sai de si para o tocar corporalmente e o transportar no seu movimento.

iii. a linha da Sorte é a única linha que ‘abraça’ a linha de Timor e a linha Malai, interceptando-as, em quatro pontos distintos. A linha da Sorte passa pela Esplanada, o Farol, City (Café), Catedral, Estádio. A linha da sorte é amarela, talvez do Sol, talvez da luz, da Sorte que está sempre lá, para lá da nossa vontade, em sonho e em crença, intermitente, ao ritmo de “às vezes sim e às vezes não”.

iv. a linha da Esperança apenas tem contacto com a linha de Timor. A linha da Esperança é única linha que apresenta nos seus pontos de paragem denominações genéricas e não ancoradas no real: as paragens Escolas e Universidade não se referem a lugares específicos de Dili. Ligada apenas à linha de Timor, parece indicar que o Futuro passa unicamente pelos timorenses. Esta ideia surge reforçada no ponto de paragem Santa Cruz (do Cemitério de Santa Cruz e referência histórica do Massacre, ponto de partida para o movimento em direcção à independência de Timor). Simboliza a capacidade de união demonstrada pelos timorenses que levou à Independência, que a esperança se constrói na capacidade de se unir dos timorenses. O Verde de juventude, de ingenuidade.

Verde e azul são cores frias, femininas, que afastam o espectador, mas se este se concentrar nelas têm um forte poder concêntrico. O verde é a cor dominante do mundo vegetal, a própria origem da vida, já que capta, como escreve René-Lucien Rousseau, a energia solar (radiações vermelhas) e transforma uma energia inferior com grande comprimento de onda em energia química de qualidade superior, sendo ao mesmo tempo também alimento (Rousseau 2001:107). O verde e o vermelho misturados produzem a luz branca do sol, a unidade. A linha de Timor, com as suas paragens, onde se fundem passado e presente, pode, conjugada com a linha da Esperança, dar origem a um futuro de unidade e luz.

O sorriso e a reflexão dão lugar ao sonho, talvez utópico, mas pleno de força, de um futuro a vermelho e verde, fazendo dos pontos do Metro, das reticências do texto, o percurso que lentamente se terá de percorrer.

Considerações finais

Os sorrisos expostos e as tentativas de desenhar os seus contornos mostram-nos que o exercício do humor exige um certo número de competências de todos os que participam no acto comunicativo, desde a produção à recepção do potencial significativo. Quando se toma a iniciativa de dar início a uma partida de humor, de sorrir e provocar o sorriso, há o desejo de provocar a adesão a uma visão do mundo, a uma maneira de ver. Sorrir é sempre uma actividade de um com outro, de uns com outros. A interacção eficaz depende, igualmente, da necessidade de fornecer indícios e pistas do desarranjar do mundo para que o outro sinta o prazer da descoberta, de possuir a chave que abre o sorriso, do que está ‘por detrás’ dele.

Através do enunciado *tem mas não há* dá-se o início do jogo, à revelia do falante que o enuncia. Posto numa outra mesa e com outros participantes, é retomado para intencionalmente provocar o sorriso de união, feito de descoberta dos traços de família entre as palavras, de revesti-las de múltiplos sentidos. Com o Metro de Díli, o jogo do humor apresenta-se já encenado para que a partida tenha lugar: aos jogadores de percorrerem os caminhos da fruição, do que há, e do que Díli tem ou não tem. Confirmam-se, deste modo, dois dos cenários possíveis, descritos por Simpson (2003: 16-17), relativamente ao enunciado humorístico, e ao grau de intencionalidade por parte do locutor, designadamente:

- i. “you don’t mean to be funny but you are funny”;
- ii. ii. “you mean to be funny and you are funny”.

References

- Cristóvão, F. (1981). *Marília de Dirceu de Tomás. António Gonzaga ou a poesia como imitação e pintura*. Lisboa: INMC.
- Cristóvão, F. (1994). *Diálogos da casa e do sobrado*. Lisboa: Ed. Cosmos
- Kandinsky, V. (2003[1954]). *Do espiritual na arte* (M. H. de Freitas, Trans.). (6.^a ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Mateus, M.H.M. (2005). A mudança da língua no tempo e no espaço. In Mateus & Bacelar (Eds.) *A língua portuguesa em mudança* (pp. 13-30). Lisboa: Editorial Caminho.
- Mattos e Silva, R.V. (1997). Observações sobre a variação no uso dos verbos *ser, estar, haver, ter* no galego-português ducentista. *Estudos lingüísticos e literários*, 19, 253-285.
- Mattos e Silva, R.V. (2002). Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do século XVI: usos e teorias em João de Barros. In R. V. Mattos e Silva & A. V. Filho (Eds.), *O Português Quinhentista* (pp. 121-142). Salvador: EDUFBA/UEFS.
- Rousseau, R.-L. (2001). *A linguagem das cores*. (J. Constantino, & K. Riemma, Trans.). (14.^a ed) São Paulo: Editora Pensamento.
- Simpson, P. (2003). *The discourse of satire: towards a stylistic model of satirical humour*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Wittgenstein, L. (1995). *Tratado lógico-filosófico. Investigações filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.